

SOCIABILIDADE PRESENTE NA EAD: A ESCRITA COLETIVA E COLABORATIVA EM UM CURSO DE FORMAÇÃO DOCENTE

Paulo Roberto Pasqualotti¹
Marja Leão Braccini²

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência de um Curso de Formação Docente para Educação a Distância – EaD, em que as discussões e as construções ocorreram a partir da escrita coletiva e colaborativa suportada pelas tecnologias. O principal objetivo deste trabalho é apresentar os aspectos sociais que envolveram as interações ocorridas na virtualidade do curso e, dessa forma, contribuir para uma reflexão sobre as possibilidades e oportunidades de sociabilidade que são viabilizadas a partir desse espaço não presencial, denominado de Ciberespaço, e a rede de conexões que envolveu os participantes do curso no desempenho de seus papéis, criando as condições para o desenvolvimento de uma Cibercultura em torno dessa comunidade virtual de aprendizagem.

Palavras-chave: Escrita coletiva. Diálogo. Comunidades de aprendizagem virtual. Educação a distância.

ABSTRACT

This article presents an experience report of a Teacher Training Course for Distance Education where discussions occurred based the collective and collaborative writing supported by technologies. The main objective of this paper is to present the social aspects involving the interactions occurring in the virtual course and to conduce to a thinking about possibilities and opportunities that are made possible around this not presencial space called Cyberspace and the network of connections that involved all participants in the performance of their roles, creating conditions for the development of a Cyberculture around this virtual learning community.

Keywords: Collaborative writing. Dialog. Virtual learning community. Virtual education.

¹ Mestre em Computação Aplicada e Graduado em Ciência da Computação. Professor e integrante do Núcleo de Pedagogia Universitária da Universidade Feevale (ppasqualotti@feevale.br).

² Mestre em Educação e Pedagoga. Especialista em Assuntos Educacionais integrante do Núcleo de Pedagogia Universitária da Universidade Feevale e Professora de Séries Iniciais no Município de São Leopoldo/RS (marja@feevale.br).

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta um relato de experiência de um curso de Formação Docente para EaD na Universidade Feevale/RS. Esse curso é integrante do Programa de Formação Docente para Tecnologias Educacionais e foi desenvolvido e oferecido como uma oportunidade para a capacitação docente nos principais aspectos envolvendo a Educação a Distância. Na edição em questão, o curso teve 32 inscritos, professores da própria instituição e outras localizadas na região metropolitana, na sua maioria, professores de diversos níveis de ensino, em especial, da graduação.

Uma das propostas desse curso é discutir e viver a experiência da EaD a partir de atividades propostas de construção coletiva e colaborativa de textos, ideias e diálogos, trabalhados e desenvolvidos em ferramentas interativas disponíveis no Ambiente Virtual de Aprendizagem. Neste relato, são destacadas a Wiki e o fórum. Além disso, foi utilizado o recurso Docs do Google³ como forma de estender e ampliar as possibilidades de abrangência dessas atividades para além do ambiente de aprendizagem, utilizando espaços disponíveis na internet como oportunidades para essa socialização.

2 DOS ESPAÇOS FÍSICOS DA SALA DE AULA À VIRTUALIDADE

[...] a sociabilidade que ocorre por meio das redes digitais de informação e comunicação exige de seus participantes uma imersão tanto intelectual quanto prática para acompanhar a aceleração tecnológica, o uso de diferentes aparatos de informática e telecomunicação, o domínio de uma linguagem especialmente construída (a hipermídia) e a lógica da não linearidade e da bidirecionalidade dos fluxos comunicacionais. (CORREA, 2009, p. 47).

O ciberespaço não é apenas um espaço tecnológico que assegura a transmissão passiva do saber. A postura em disseminar conhecimento (demonstrar, exteriorizar, disseminar na rede) dá lugar à construção da autonomia e busca de saber ser e saber fazer do aluno e este assumindo o papel

de agente ativo de sua própria aprendizagem na busca pela sua autonomia.

Ao concordar com Alava (2002, p. 14), ao afirmar que “a emergência de novos dispositivos de formação abertos tende a colocar em pauta as ideias de trabalho colaborativo, autonomia dos estudantes e métodos ativos”, surgem, ao mesmo tempo, indagações sobre os cenários presentes na virtualidade envolvendo os espaços sociais: o que é o ciberespaço? Quais são suas partes e o que compõe o seu todo?

Pode-se afirmar que é um espaço social em que as pessoas se comunicam, constroem dizeres e saberes, participam e interagem, colaboram e criam relações e vínculos a partir de objetivos comuns. A tecnologia surge como um propulsor dessa comunidade, permitindo que essas relações sejam mediatizadas pelas ferramentas e pelos recursos de comunicação.

O espaço virtual é democrático, a interação é aberta, mas as relações mediam essa liberdade e permeiam as possibilidades em nome do bem comum. Os indivíduos integram esse mundo virtual e em rede com objetivos comuns, de participar, colaborar e interagir em torno de uma necessidade de apropriação tecnológica, mas, além disso, de serem sujeitos atuantes e autônomos nessa caminhada. Colaborar para a comunidade não significa necessariamente fazer parte dela, pois exige também as ações socializadoras de comunicar, interagir, participar e fazer-se presente, mesmo no virtual, agregando e somando ideias e habilidades.

É esse caminho que possibilita uma consciência coletiva bem interessante, sincronizando pensamentos e ideias, mesmo que às vezes discordantes, pois discordar é necessário na construção do diálogo, assim como colaborar e participar é fundamental para a manutenção da reciprocidade interativa.

Sendo o Ciberespaço uma proposta democrática e libertadora dos limites de tempo e espaço físico, é possível que ele, em contrapartida, imponha regras e exigências de aceitação social na rede, a fim de atender aos requisitos de habilidades ou de comportamento esperados pelos participantes. O sujeito em rede é livre para integrar e participar das mediações e autônomo na construção de seu conhecimento, mas, ao fazer parte da comunidade, esta não passará a exigir dele que assuma seu papel diante da coletividade?

³ Disponível em: <http://docs.google.com>.

Transportando essa questão para a sala de aula, é preciso pensar sobre até onde as tecnologias que virtualizam as relações permitem que essa integração viabilize o surgimento de uma comunidade de aprendizagem. Estamos falando de comunicação e de relações sociais em rede, dessa forma, é possível perceber a conexão e as relações entre a técnica (computador, *software*, internet, redes sociais, etc.) e a pedagogia (aprendizagem, conhecimento, autonomia)?

Ao pensar sobre isso, Levy (1999) apresenta sua ideia e percepção das mudanças necessárias nos sistemas de educação e formação ao contemplar a EaD como o encontro entre a técnica e o saber. A técnica contemplada nos aparatos tecnológicos e no atendimento de requisitos de funcionamento desses espaços de encontro na/para uma cibercultura. Quanto aos saberes, referem-se às novas possibilidades para o ensinar, para o fazer pedagógico, contemplando a individualidade, ao mesmo tempo em que atende, incentiva e possibilita a aprendizagem em rede, voltada para a construção e a consolidação das comunidades virtuais de aprendizagem.

Ou seja, ao propor os ambientes de aprendizagem como pontos de interação e comunicação, atendendo à técnica, é preciso dispor e dotar esses mesmos ambientes de recursos e ferramentas que permitam contemplar os requisitos de construção de conhecimento, aprendizagens, interações, escrita coletiva e colaborativa, sistemas e processos avaliativos, entre outros.

Esse espaço marcado pela virtualidade contém essas técnicas, recursos e dispositivos que permitem e viabilizam a interação social entre os indivíduos posicionados em rede, assim como integram e suportam as comunidades virtuais em torno da comunicação, do diálogo e do *feedback* reflexivo, que representam uma reação de outro indivíduo, mas, ao mesmo tempo, remetem o sujeito a pensar e repensar a sua prática como participante de uma comunidade.

Assim, percebe-se a tecnologia e seus aparatos digitais e periféricos como parte fundamental de uma sociedade que caminha pela grande rede, tecendo e criando novos nós e conexões, dando forma e plasticidade à cibercultura, ou ao que se convém denominar de uma nova escrita da história da humanidade, agora não em paredes de cavernas,

em papiros e cerâmicas, ou em prensas e papéis, mas no mundo virtual e tecnológico, armazenado nos *bits* da comunicação e livres das barreiras do tempo e do espaço onde ocorrem ou deveriam ocorrer.

Dentre todos os aspectos envolvendo a interação, é fundamental identificar e priorizar aqueles que possibilitam essa troca social entre os participantes, ou na denominação de Primo (2007), entre os interagentes, estes percebidos como sendo os participantes da interação. E essa interação entre os sujeitos permite estabelecer uma relação social para além do viés tecnicista, na busca por um olhar amplo e profundo que permeia e prioriza os contextos, os objetivos sociais e os resultados advindos dessa relação.

3 CIBERCULTURA E COMUNIDADE DE APRENDIZAGEM VIRTUAL

A cibercultura apresenta-se como uma interligação dos espaços virtuais formados pelas técnicas que viabilizam e dão suporte às relações e às interações entre os indivíduos, as redes de significado que surgem dessa troca social de saberes, experiências, história e conhecimento.

Disso tudo surgem as conexões e os nós dessa grande rede formada por pessoas e grupos afins. Na cibercultura, trafegam e navegam diálogos e ideias, contextos e cenários, tão dinâmicos e mutáveis que tornam difícil qualquer tentativa de representação dessa estrutura social que existe na virtualidade.

Essa plasticidade e a capacidade de multiplicação dos nós dessa rede é que imperam nos contextos escolares e que, de certa forma, conduzem e obrigam educadores e pensadores do plano pedagógico a integrar as tecnologias ao cotidiano escolar, inserindo-as na sala de aula como aliadas na construção do conhecimento.

Para Lemos (2007, p. 128), ciberespaço é “um espaço transacional, onde o corpo é suspenso pela abolição do espaço e pelas *personas* que entrem em jogo nos mais diversos meios de socialização... é um não lugar, uma u-topia onde devemos repensar a significação sensorial de nossa civilização baseados em informações digitais, coletivas e imediatas”.

Nesse espaço, criam-se as redes de interação e os grupos de afinidades emergem num jogo social de ideias, diálogos, construções e encontros. Todos esses movimentos de significados geram,



Figura1 - Mapa conceitual de uma comunidade de aprendizagem *on-line*

dão vida e integram a cibercultura, um conceito amplo de sentido e profundamente fortalecido pela tecnicidade das redes virtuais.

Assim, as redes e suas conexões, os grupos e indivíduos que os integram, as ações, a agregação em torno de interesses de aprendizagens comuns, independentes de fronteiras ou demarcações territoriais fixas (LEMOS, 2007), a tudo isso chamamos de Comunidades Virtuais de Aprendizagem.

Essa comunidade é formada de indivíduos cujos objetivos, de alguma forma, convergem para um mesmo propósito e são inerentes aos aspectos sociais que emergem da e para a comunidade. Pessoas reúnem-se em torno daquilo que lhes dá significado, seja relevante e que enriquece, de alguma forma, seus laços sociais e suas relações com o ambiente externo. Entre esses, o ato comunicativo pode ser considerado o mais importante dessa ação integradora presente na relação entre os sujeitos.

Nessa direção, essa comunidade, quando formada e solidificada em torno de relações sociais comuns e objetivos convergentes, incentiva o diálogo e as discussões livres de inibidores e limitadores, permitindo a exposição de argumentos e ideias a partir da sinceridade de ambas as partes (CASTELLS, 1999).

Esse cenário tecnológico de relações virtuais exige dos participantes a apropriação das tecnologias de EaD na sua prática educacional e uma nova postura pedagógica, assumindo diferentes formas de ensinar e aprender.

A figura 1⁴, apresenta um modelo organizado e apresentado na forma de um mapa conceitual, em que são apresentados alguns dos principais conceitos envolvidos na interação, na socialização e na construção do conhecimento de uma forma coletiva e fundamentada em uma comunidade de aprendizagem virtual.

O mapa conceitual representa uma estrutura de conceitos que envolvem alguns aspectos, sem excluir outros, indicando os nós formadores dessa rede social que é a comunidade de aprendizagem. A construção de conhecimento, a troca informacional, mas, acima de tudo, a solidificação das relações sociais entre os indivíduos dessa coletividade dão a ela a solidez e a oportunidade de criar os significados que dão suporte à participação de cada um no desempenho de seus respectivos papéis.

⁴ O mapa conceitual da figura 1 é parte integrante do material do programa de formação docente da Universidade Feevale, cuja autoria é da equipe pedagógica do EaD da instituição.

4 A ESCRITA COLETIVA COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO: A REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA

Como explicitado anteriormente, este é um relato reflexivo de um curso de Formação docente para EaD, cujo principal objetivo é proporcionar experiência e formação para atuar na docência em cursos a distância, fomentando a reflexão a respeito da EaD como modalidade de educação de qualidade e dos fundamentos teórico-práticos e metodológicos em EaD.

Idealizado e conduzido por professores da Universidade Feevale, o curso é totalmente a distância num total de 40h distribuídas em cinco semanas, tendo os seguintes conteúdos principais: (1) EaD: panorama e legislação atual; (2) Atores em EaD: competências e habilidades; (3) Teorias de ensino-aprendizagem para atuação em EaD; (4) Comunidades e modelos de aprendizagem em EaD; (5) Avaliação em EaD: paradigmas e formatos.

Adotamos uma estratégia pedagógica que consideramos adequada e interessante de trabalharmos no curso: a escrita coletiva e colaborativa em uma ferramenta denominada Wiki. A proposta é potencializar um espaço de sociabilidade valorizando os conhecimentos dos alunos, muitos deles atuando como professores e com experiência docente, a capacidade de reflexão coletiva e a prática do trabalho colaborativo, cuja relação se fundamenta em regras de escrita coletiva apresentada e sugerida ao grupo como balizadores dessa ação social.

Destacamos ainda a importância que dá Freire ao coletivo nesse processo de reflexão e capacitação docente.

O grupo possibilita a troca de experiências e ajuda mútua. É preciso enfatizar o aspecto coletivo de todo este processo (reflexão sobre a prática – crítica). O objetivo central é que o professor seja competente para agir criticamente em seu cotidiano. Tal competência se constrói num processo coletivo, no qual tanto o crescimento individual, quanto o coletivo é resultante da troca de experiências e conhecimentos acumulados por todos e por cada um. [...] um trabalho individualizado dificulta a crítica, pois a ausência do outro impede o confronto e a recriação de ideias. (FREIRE, 1996, p. 3).

Connell (2010, p. 174), ao falar em trabalho coletivo, argumenta que “grande parte do que ocorre na vida cotidiana de uma escola envolve o trabalho conjunto dos professores e a relação coletiva destes com a presença coletiva dos alunos”. A autora destaca que é preciso levar em conta que um professor age no coletivo, dentro de uma estrutura que é a escola e com uma equipe de colegas professores. Sendo assim, não é possível avaliar o trabalho de um professor de forma isolada. O “bom trabalho” de um docente é certamente o bom trabalho da escola como um todo, esse espírito de trabalho colaborativo parece ser fundamental em um curso de formação docente.

Essa lógica, ainda segundo Connell (2010), também pode ser utilizada quando falamos de “insucesso” do ensino, deslocando a responsabilidade, que geralmente fica com o professor, para a escola como um todo. A reflexão sobre a prática também pode ser pensada de forma coletiva repensando o ensino e a aprendizagem da escola como um todo e não somente as práticas do professor.

No curso em questão, inicialmente tivemos a oportunidade de conhecer e exercitar o uso da Wiki em uma atividade denominada “Wiki de aquecimento”. Esse exercício prévio é devido ao fato de que certas atividades exigem algumas habilidades, às vezes, bem complexas, no uso das tecnologias. Então, a Wiki inicial foi justamente para que a técnica no uso da Wiki, seus recursos, suas opções e interfaces (telas) não fossem fator negativo e limitador da participação. Dessa forma, dar-se-ia a condição a todos para atingir o real objetivo da atividade – a construção coletiva, focando na construção do documento, em vez do uso da ferramenta. Dessa forma, deixamos todos à vontade para que escrevessem o que achassem importante para esse “treino no uso da ferramenta”.

Já na Wiki intitulada “Escrita coletiva: construção e reflexões”, foi o espaço no qual escrevemos o documento coletivo. A turma foi dividida em grupos de oito alunos por grupo. Antes, foram apresentadas as principais diferenças entre a Wiki e outras ferramentas de escrita coletiva, principalmente o fórum, que já havia sido utilizado em outras atividades. No fórum, as ideias são discutidas e o diálogo ocorre de forma sequencial, porém não há intervenção direta na

escrita do outro. No fórum, cada participante pode argumentar, concordar ou discordar e apresentar a sua contribuição na discussão, dando seguimento às ideias e ao diálogo em questão. Na Wiki, por outro lado, o texto é único e deve refletir a construção do grupo. Cada participante pode e, em nossa opinião, deve alterar, editar e escrever no texto do colega, pois o que deve estar refletido no documento é o resultante da coletividade, não de um ou de outro indivíduo.

Neste tipo de atividade, o objetivo principal é refletir o pensamento, o conhecimento e a intencionalidade de um grupo, acima da individualização do que está proposto a ser realizado.

De acordo com o que foi apresentado na figura 1, no mapa conceitual da comunidade de aprendizagem, é preciso que, em uma escrita coletiva, todos estejam motivados e imbuídos do espírito de colaboração e participação, que busquem a construção de significados nas ideias expostas, que a busca seja reflexo do coletivo em detrimento do individual, que sejam mantidas e enriquecidas as relações sociais que envolvam o respeito, o diálogo e a autonomia e que cada um assuma os papéis que lhe são atribuídos e também aqueles que a comunidade espera que cada um assuma e cumpra.

Mas isso é, muitas vezes, uma tarefa complexa e difícil, se relacionada a outros formatos de escrita coletiva, como o fórum. É preciso aceitar a ideia e opinião do colega e, ao mesmo tempo, saber discutir e fundamentar a própria contribuição com argumentações que muitas vezes são frutos de percepções e interpretações pessoais e que, diante do grupo, precisam refletir um conhecimento e ter o devido embasamento para levar à aceitação dos demais. Essa ideia vai ao encontro do que é apresentado por Pallof e Pratt na obra intitulada “O aluno virtual”, em que os autores defendem que “as pessoas interagem socialmente quando tentam satisfazer suas próprias necessidades ou desempenhar papéis especiais como os de líder ou de moderador” (PALLOF & PRATT, 2004, p. 38).

Diante desse cenário de complexidade e dificuldade, deve-se ter presente que é por esse caminho que passa a construção de comunidades de aprendizagem eficazes, sólidas e que resultam em conquistas positivas para quem delas participa,

pois o crescimento e evolução do todo refletem o que ocorre individualmente com cada um.

Apresentamos, abaixo, as regras de planejamento e organização de atividades de escrita coletiva, destacando que tal material foi desenvolvida com o objetivo de oferecer aos professores as condições para proporem atividades dessa natureza para seus alunos.

5 REGRAS DE COMPORTAMENTO SOCIAIS EM UMA CONSTRUÇÃO DIALÓGICA COLETIVA

A lista abaixo é o resultado de diversas discussões realizadas em encontros pedagógicos da equipe pedagógica da EaD da Universidade Feevale, cujo objetivo foi o de construir as regras de escrita coletiva, focando comportamentos e atitudes colaborativas e de socialização, consideradas adequadas e importantes no trabalho envolvendo grupos de pessoas, baseada principalmente nas experiências e nas sugestões de alunos de professores da graduação e pós-graduação que, de alguma forma, estiveram envolvidos em atividades dessa natureza.

Este material é utilizado pela equipe pedagógica e por professores em cursos de formação docente e demais espaços virtuais de aprendizagem em que recursos e ferramentas de escrita e diálogo coletivo são utilizados. A lista não é exclusiva e tem recebido análises, críticas e contribuições à medida que novas regras são identificadas e reconhecidas como adequadas de inserção na lista.

- 1) Levar em consideração a ideia e a opinião do colega.
- 2) O texto pode ser editado e alterado por qualquer um do grupo.
- 3) Se fores apagar um texto, informar a todos do grupo para que cheguem a um consenso.
- 4) Não me sentir excluído ou diminuído quanto à participação se meu texto for editado.
- 5) Priorizar e ressaltar sempre a ideia coletiva e buscar atingir um objetivo coletivo.
- 6) Proibido usar palavrões e ofensas a qualquer pessoa.
- 7) Não utilizar jargões, gírias, expressões regionais, caso o grupo tenha participantes de outras regiões que possam ter dificuldades em entender as expressões.
- 8) Adotar uma linguagem de fácil entendimento a todos, evitando termos técnicos e formalismo, deixando a escrita clara e objetiva.

9) Utilizar parágrafos curtos e uma escrita objetiva e clara.

10) Procurar ler, entender o que já está publicado, dando seguimento adequado e correto ao texto.

11) Usar organização textual, com recursos do editor: destacar partes do texto, quando necessário.

12) Manter o foco na proposta do enunciado.

13) Necessário que todos do grupo tenham o mesmo entendimento do que deve ser realizado.

14) Buscar sempre o encadeamento das ideias.

15) Identificar os autores para consultar sobre as possíveis alterações.

16) Referenciar sempre os autores e informar a origem de citações.

17) Respeitar os direitos autorais.

18) Seguir as normas da ABNT para citações diretas e indiretas.

19) Apresentar no final uma lista de referências.

20) Assuntos que não sejam pertinentes ao tema do texto devem ser discutidos em outros canais de comunicação, como: *chat*, mensagens, fóruns criados para esse fim.

6 OLHARES, PERCEPÇÕES E APRENDIZAGENS ADVINDAS DA ESCRITA COLETIVA

O/A professor/a, na Wiki, lê e acompanha diariamente tudo que ocorre na escrita coletiva. Participa e intercede à medida que percebe essa necessidade. A Wiki permite isso. Cada grupo deve buscar o diálogo e a criação de um texto coletivo, sem a condução do professor diretamente no texto, mas mais como orientador da atividade. É claro que toda oportunidade de intervenção construtiva deve ser aproveitada.

Acompanhamos atentamente o diálogo e a construção do documento. E, como esperado, não realizamos intervenções, deixando a cargo de cada grupo as discussões e o entendimento sobre o que realizar em termos de construção colaborativa.

E, como todo grupo, tivemos equipes com desempenho excelente e alguns casos de destaque na quantidade e na qualidade do que foi escrito. Outros tiveram algumas dificuldades em interagir, construir coletivamente e, ao mesmo tempo, aceitar a ideia do colega e as respectivas alterações que ele tenha feito.

E, em especial, percebemos, em algumas situações, que alguns necessitavam da intervenção

do professor, o que pode demonstrar problemas relacionados à autonomia, dependência da figura do professor ou a necessidade pessoal em interagir sempre com o professor para se localizar e organizar-se com relação ao que deve ser realizado.

A consciência coletiva apareceu quando alguns alunos, em alguns grupos, assumiram alguns papéis, às vezes de motivador, outras de organizador, de liderança, enfim, situações que auxiliaram o grupo a atingir o objetivo proposto.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se busca uma nova organização do trabalho pedagógico, está se considerando que as relações de trabalho, no interior da escola, deverão estar calcadas nas atitudes de solidariedade, de reciprocidade e de participação coletiva, em contraposição à organização regida pelos princípios da divisão do trabalho, da fragmentação e do controle hierárquico. (VEIGA, 1995, p. 31)

Nesse recorte de Veiga, podemos ver vários indicativos que também apontam nossos participantes do curso ao realizar o trabalho colaborativo com êxito, desenvolvendo valores como solidariedade, participação coletiva, respeito, capacidade de reflexão a partir da ideia e posição do outro, posicionamento ante o grupo, melhoria na sociabilidade e na prática coletiva, etc.

Para GÓES (2008, p. 84), em Freire

[...] o trabalho coletivo ajuda a construir autonomia com responsabilidade. Desafia a superação dos limites pessoais e valoriza a atuação de cada trabalhador/educador que tenha compromisso a prática de uma pedagogia da libertação ou educação como prática de liberdade.

Como cita Bruno (2000, p. 14), “desprendimento com relação às próprias convicções, atenção para com as convicções do outro e interesse para aprimorar e ou alterar profundamente umas e outras, são exigências da organização que se pretende coletiva”. Essa forma de trabalhar vai construindo a aceitação de críticas e sugestões no sentido de qualificar o trabalho que está sendo realizado. Para tal, é importante a troca de experiências e, principalmente, uma cooperação mútua, dividindo

inclusive as responsabilidades pelo que “ficou bom” e o que precisa melhorar.

Connell reforça que, se os professores trabalham juntos, coletivamente, o bom resultado é da escola e não de um indivíduo isolado. Vai além, afirmando que

[...] o bom ensino [...] é não apenas em grande medida, um trabalho coletivo: ele exige diversificação. Para funcionar bem, uma escola precisa de professores com uma gama variada de capacidades e maneiras de atuar. Dada a multiplicidade de alunos e de comunidades de onde provêm, uma escola tem que ter em seu quadro de professores uma diversidade de etnias, origens socioeconômicas, identidades de gênero e sexo, faixas etárias e níveis de experiências. (CONNELL, 2010, p. 175)

Para uma escola plural, como propõe Connell, é preciso professores abertos ao novo e especialmente abertos a questionar suas convicções, inovar. Voltamos a Bruno (2000), que diz que é preciso essa abertura, que poderíamos compreender como responsabilidade com o coletivo, com o trabalho da escola e não somente com as tarefas e as atividades individuais de professor.

Conclui-se este trabalho sem esgotar as diversas possibilidades e os olhares possíveis diante do que o trabalho colaborativo, em especial, a escrita coletiva tem a oferecer como caminho para a sociabilidade das pessoas envolvidas em atividades dessa natureza. A mediação da tecnologia, como apresentado, viabiliza o desenvolvimento e a consolidação de uma comunidade de aprendizagem virtual suportada pelo tecnicismo das redes e aplicações computacionais. E, dessa forma, espera-se contribuir para uma reflexão aprofundada sobre as possibilidades e as oportunidades de sociabilidade viabilizadas no Ciberespaço.

Em especial, as regras de escrita coletiva apresentam-se como um importante recurso na colaboração e na socialização de ideias, permitindo aos professores, tutores e demais atores em papéis presentes na EaD utilizar como referência em atividades que envolvem o trabalho colaborativo, disponibilizando-a à comunidade acadêmica como meio para tornar construções coletivas reais oportunidades de sociabilidade.

REFERÊNCIAS

ALAVA, Séraphin e colaboradores. **Ciberespaço e formações abertas** – rumo a novas práticas educacionais? Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira. O Trabalho Coletivo como Espaço de Formação. *In: GUIMARÃES, Ana Archangelo et al. O Coordenador Pedagógico e a Educação Continuada*. São Paulo: Loyola, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer; Atualização para 6. ed. Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CONNELL, Raewyn. Bons professores em um terreno perigoso: rumo a uma nova visão da qualidade e do profissionalismo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. especial, p. 163-182, 2010.

CORREA, Elizabeth. S. Cibercultura: um novo saber ou uma nova vivência? *In: TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson (Org.). A cibercultura e seu espelho: campo de conhecimento C498 emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa*. ABCiber, São Paulo: Instituto Itaú Cultural, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 29. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOÉS, Moacir. Coletivo (Verbete). *In: STRECK, Danilo. REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José. Dicionário Paulo Freire*. v. 1, Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LEMONS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 3. ed. 2007.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. 34. ed. São Paulo, 1999.

PALLOF, Rena. M.; PRATT, Keith. **O aluno virtual:** um guia para trabalhar com estudantes on-line. Tradução Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador:** comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007.

VEIGA, Ilma Passos de Alencastro. Projeto Político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: _____. **Projeto político-pedagógico da escola:** uma construção possível. Campinas, SP: Papyrus, 1995.